

Do Inferno Do Mundo (HOBBS) ao Engajamento no poder (ESPINOSA)

Luiz A Passos

*Caminante, no hay camino...
Se hace el camino al andar. (Machado)*

Thomas Hobbes buscando arrancar os homens das malhas da fatalidade que vivessem em um mundo onde o poder político, concentrado nas mãos dos poderosos, põe na garganta de cada pessoa um monstro sanguinário: um Estado Leviatã, o espaço do Poder: esfera da arbitrariedade. A miséria começa com o poder, para Hobbes. Os dominadores, servindo-se da linguagem e das palavras, a utilizam como uma lógica “contabilista” que os salva ao condenar todos os outros. A lei geral que rege a sociedade é do homem como lobo dos outros homens. Afora o direito de natureza à sobrevivência (*jusnaturalismo*), é só sob Lei, de produção humana, que pode construir um acordo de cessar a guerra. Trata-se de uma espécie de “constitucionalismo” para estabelecer alguns princípios de bom senso.

Ao contrário de Paulo Apóstolo: Fora da Lei, não há salvação!

No estatuto diário de sobrevivência, no “salve-se quem puder”, aconselha Hobbes, o mais prático é um acordo com quem tem mais poder, para nos poder salvar da arbitrariedade deles, e ao fazer isso, entretanto, nos mesmos nos traímos, fazemos um acordo com o nosso maior inimigo, que para salvar-nos a vida devora nossa liberdade. O mundo tornou-se um inferno, e Hobbes, com noventa e um anos, asilado na casa de pessoas de poder dizia, “Levei noventa e um anos, para achar um buraco onde pudesse me esconder do mundo!”

Baruch Espinosa, holandês, de família judia de Rabinos, ele mesmo destinado a esta condição, ameaçado pela inquisição, julgado por heresia foi amaldiçoado pela Sinagoga, por suas idéias teológicas foi também condenado e banido pela Inquisição da Igreja Reformada. Acusado de espionagem, ameaçado de execução pública, apesar de uma vida simples, de extrema simpatia, escrevendo temas de ética, que não publicou para não ofender, Espinosa não deixou o mundo do mesmo jeito, depois que passou por ele. Que houve de errado? Espinosa fez um “raio X” do poder. Contrário, entretanto, ao pessimismo de Hobbes, afirmou a liberdade, inclusive face às experiências desconhecidas dentro de nós, afirmando a possibilidade da responsabilidade de mudar a gente, o poder e o mundo. O poder somos nós! Foi por isso perseguido pelas grandes instituições do seu tempo – grupos econômicos, políticos, religiosos, estatais - que pretendiam gerenciar e administrar o poder como uma especialidade “científica”, “técnica”, “jurídico-política” ou “em nome de Deus”, efetivamente não gostaram. O poder convive diuturnamente com a violência.

No poder, só é imoral perdê-lo (Pedro Demo)

Se o PODER é tão importante, não apenas porque se estrutura no nível macro, segundo o filósofo Michel Foucault não apenas altera a economia, mas imiscui nos corpos, no cotidiano, na estética, em forma de redes de micro-poderes, sendo, por isso, determinante para a esfera da educação; e ela, esta mesma educação que tem um papel imprescindível na construção das pessoas. E são as pessoas aquelas que, efetivamente, detém o poder, e podem definir a política. Elas, e apenas elas, são a fonte de qualquer poder. Tem ocorrido que as pessoas e as instituições têm procurado falsos rituais, símbolos, gestos e objetos que simulam e fingem ser a fonte, o lugar legítimo da força do poder, de maneira que, quem possui estas marcas, símbolos ou adereços, simulam ser invencíveis, poderosos e divinos.

Na verdade constroem na violência, o “poder da força” e não “a força do poder”. É, neste aparente “equivoco” alardeado pelo controle da ideologia e da mídia, que se sacralizam instituições, pessoas, tempo e lugares, que sequestram e submetem a si, um poder político mentiroso, posto que a força de

qualquer poder legítimo reside, e está enraizado e ancorado nas pessoas, enquanto, corporeidade singular que pela solidariedade constitui um sujeito coletivo.

O poder político hoje tudo faz para apropriar-se de organizações, instituições e do Estado com a mentirosa tese de “tomar o poder”. Não existe, diz Enrique Dussel, “tomada de poder”. Poder se tem, não se toma.

O que se pode “tomar” ou “ocupar” são instituições. Adverte Dussel, quando se fala de um poder *do* povo, *pelo* povo e *para* o povo, que através de representação substituiria a *potência* que é o poder vivo que emana de cada um dos sujeitos do povo, e que formam um sujeito coletivo, se age de má fé. Ao aceitar a “representação” como instância legítima exercida por pessoas, por governos, pelos comitês partidários, conselhos ou pelo chamado “centralismo democrático”, tal fala mal encobre que este discurso, essa fala é sempre “de fora”, “de cima” fetichizada e dominadora como se fora uma águia, um Leviatã, que devora, na figura utilizada pelo salmista, “o povo como se fosse pão”.

A Potência política do povo não é nada, sem mediações...

Acontece, diz também Dussel, que essa potência que o povo é, não é nada, sequer existe, continuará sendo apenas uma possibilidade frustrada que nunca existirá como fato, senão aceitar o risco de se encarnar, e se expressar em mediações institucionais. É preciso correr o risco de uma possibilidade de ações instituintes que se expressarem no instituído, pousarem no chão e no atrito, correndo o risco de serem sufocadas.

Só a luta reiterada e permanente pode contribuir que as mediações institucionalizadas não destruam o poder criador. E as instâncias representativas não sufoquem o núcleo do poder real, que nasce em cada um.

No teatro musical de Chico Buarque, “Os Saltimbancos” após a expulsão dos patrões, todos se perguntam: “Eles vão voltar?”. – “Eles sempre voltam!” – responde alguém!

O poder, uma vez institucionalizado, tem a tendência de se pensar como definitivo e de certa forma decreta o “fim da história” e de que a obra final da democracia esteja já construída. As revoluções, os golpes costumam adotar uma postura conservadora, para manter-se sempre eternos, impedindo que emergam mudanças e transformações na ordem, procurando sufocar toda a esperança revolucionária. É imprescindível sempre relativizar o instituído, refazê-lo outra vez, a cada manhã de novo, com um novo ato aberto de liberdade e de amor. Porque não há na história, no tempo e no espaço nada que possa responder a sonho insaciável do ser humano de querer mais e mais. Nunca a utopia poderá se esgotada nos seus projetos, que de certa forma a antecipam, mas não podem esgotá-la.

Mais que nunca é preciso sonhar,
É preciso sonhar e acordar a cidade...

As cristalizações e absolutizações... sejam superadas por uma esperança que nunca terá lugar no aqui e agora. Mas precisam se enraizar no chão da vida, da história e das contradições. Um Emílio, longe das determinações do mundo, dirá Danilo Streck, não poderá contribuir com a luta pela livração da história.

Tudo que move é sagrado,
E remove as montanhas com toda o cuidado, meu amor...

A educação como uma das ferramentas de transformação

A educação é uma atividade criadora permanente. Nada está definitivamente pronto, seguro, dado e certo. O seguro é o andar em busca, a procura, a criação. Quem pensa ter achado o método certo, a dosagem adequada, os procedimentos adequados, o conteúdo necessário e definitivo, já não educa, já não cria, já não ensina e também não mais aprende.

É preciso desfazer o mito do professor “reflexivo” como se esta condição mudasse, fundamentalmente, as condições sociais, políticas e econômicas, diz Miguel Arroyo. Serve, esta nova ideologia, para manter o

discurso dos meios de comunicação que culpam na esfera estrutural de educação, mas põe a culpa dos insucessos da escola, nos professores, nos alunos e ocultam as manobras do CAPITAL e seus aliados, hoje conglomerados no ESTADO.

“Toda pedagogia na qual existam ensinadores do exato sentido das palavras, explicadores da naturalidade do mundo, divulgadores da visão científica do real, válida para todos, em qualquer tempo e lugar, está do lado da continuidade da opressão e do genocídio real e simbólico. É preciso compreender que os processos sociais, econômico e políticos se sustentam para além da nossa boa ou má vontade: conhecer-lhes as determinações, e lutar coletivamente com todos contra sua desumanização, é tarefa da filosofia, da educação, da ética e da política,” PASSOS, 2008.

Um homem que se considerava sábio, foi procurar um monge cuja sabedoria parecia quase infinita. O monge recebeu-lhe polidamente, e encheu-as com água, até que transbordassem. Pediu ao sábio que pusesse o dobro de água nas ânforas. O sábio, surpreso, protestou. “Você sendo tão sábio devia saber que não há espaço para mais...” Ao que o monge lhe retrucou: “Deves, então, também saber, que onde não há espaço reconhecido para a ignorância, não há nada mais que possa ser apreendido. Com queres que eu te ensine?”.

Questões para o debate

- I. Nosso tamanho real: não somos, efetivamente, grandes coisas. Somos um partezinha do mundo, importante, e imprescindível que se soma às grandes lutas de todos e todas por emancipação e autonomia, em favor da grande utopia de que a Vida valha! Comente.
- II. Nossa tarefa: precisamos nos somar aos processos educacionais das lutas dos povos da terra, das florestas, das cidades e sertões, em projetos históricos, instituintes e instituídos, dos setores oprimidos que nos permitam continuar lutando contra a opressão, como testemunho de esperança de que continua vivo em todos nós, educadores, a vontade de viver!